

REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA AO AR LIVRE: A PRAÇA DA SAUDADE EM MANAUS/AM

Introdução

Para compreender a ligação existente entre as representações na memória, os sentidos atribuídos a essas representações e o espaço físico que as evoca é bastante adequado recorrer ao conceito de lugares na memória, do autor Nora (1993, p. 09), que elucida que: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. E, assim, ela é composta de pontos de referência que são ao mesmo tempo: materiais, onde a memória social se ancora e pode ser apreendida; funcionais, visto que possuem a função de sustentar as lembranças coletivas e permitir sua transmissão; e por fim, simbólicos, já que caracterizam acontecimentos ou experiências vividos por diferentes pessoas fazendo parte de suas memórias.

Em consonância com o pensamento do referido autor, propomo-nos neste trabalho, discutir e analisar a questão do lugar na memória que apresenta como foco principal a Praça da Saudade, como reflexo das representações simbólicas e afetivas. Para embasarmos as nossas considerações, tomamos como referência os autores Le Goff (2000) e Nora (1993), na abordagem sobre a memória; Certeau (1994) na fundamentação teórica sobre o espaço e o lugar; além de outros autores que também servirão de apoio para que possamos fundamentar as ideias acerca do tema em questão.

Num primeiro momento, discutiremos a noção do que verdadeiramente significa o espaço e o lugar e suas relações sociais. Em seguida, apresentaremos um breve panorama sobre a questão da história da Praça da Saudade e suas alterações em períodos diferentes. Ainda faremos uma exposição acerca do lugar na memória e sua relação na representação entre o passado e o presente.

Por fim, apresentaremos e analisaremos a questão da representação e o papel da

* Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Praça da Saudade na memória coletiva, a partir de quatro entrevistas realizadas com pessoas que moraram ou vivenciaram momentos marcantes em épocas pretéritas, e que foram frequentadores dessa praça na cidade de Manaus, no Amazonas.

O lugar e as relações sociais

Com o passar do tempo, as sociedades defrontam-se constantemente com novas e variadas definições e diretrizes para o desenvolvimento de diferentes percepções acerca do mundo, isso tudo relacionado a uma constante busca por uma economia e uma vida social mais igualitária, mais justa.

Cada civilização, grupo social e indivíduo vai deixando uma marca, um rastro no decorrer de sua caminhada pela História. Assim, diante de tais vestígios é possível compreender as temporalidades e as espacialidades. O indivíduo como um ser social, estabelece relações com o outro e com o meio onde vive.

As cidades tornam-se, então, os verdadeiros palcos das relações existentes entre os sujeitos em suas vivências, exprimindo em seus equipamentos, espaços e lugares, os seus anseios e as suas necessidades. O ser humano precisa ler o ambiente em que se insere na busca por referências e orientação, o que o ajudará na construção de uma percepção sobre o espaço e sobre o lugar.

Sobre a distinção entre o espaço e o lugar e de acordo com Certeau (1994, p. 201), temos que:

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Ainda entrando na seara das distinções acerca desses dois conceitos, temos que o espaço é uma dimensão universal, enquanto que o lugar apresenta uma dimensão mais particularizada. E a leitura da imagem formada pelo indivíduo, enquanto usuário é um fator muito importante no que diz respeito a utilização desses espaços e lugares, especialmente quando se tratam de áreas históricas com possíveis intervenções urbanísticas. Visto que, também é trabalhado nesse caso a memória coletiva dos indivíduos aliada aos traços históricos desse lugar, que na maioria das vezes são recriados e atualizados de acordo com as vivências, as práticas desenvolvidas pelas pessoas e as representações que cada um traz consigo.

Cabe assinalar que Pesavento (1995) informa que:

Naturalmente, a forma de uma cidade, seus prédios e movimentos contam uma história não verbal do que a urbe vivenciou um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e sociabilidades se alteraram inexoravelmente, seja enquanto forma, função ou significado. No caso das cidades modernas, metrópoles de fato ou por atribuição de seus habitantes, que a veem e sentem como tal, a complexidade da vida e as sucessivas intervenções urbanísticas são agentes de descaracterização e mesmo de degradação da cidade. Ocorre muitas vezes o que se poderia chamar uma ‘pasteurização’ ou uniformidade do urbano no pior dos sentidos: a destruição da memória, a substituição do ‘velho’ pelo novo, a uniformização das construções e a generalização do caráter de impessoalidade ao contexto urbano (PESAVENTO, 1995, p. 11).

Assim, temos que existem diferentes terminologias para classificar a memória. Há a sua classificação segundo a biologia, a filosofia, a psicologia, a antropologia, a museologia e outros. Mas, aqui vamos nos ater ao sentido original de memória que de acordo com Le Goff (2000, p. 09) a “memória, como capacidade de conservar certas informações, recorre, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o indivíduo pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas”.

Na maioria das sociedades ou comunidades existe sempre – e sempre há de existir – uma preocupação em manter uma lembrança viva da história vivida por eles ou por seus antepassados. Há a preocupação de manter viva as suas identidades. São preocupações comuns e que caracterizam certas sociedades.

E de acordo com a visão de Chapouthier (2005) tem-se que na biologia, o conceito assume uma extensão maior, possuindo três sentidos. No sentido restrito, seria: “a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar, no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que os cerca, para assim modificar o próprio comportamento”. Já no sentido mais amplo, seria todo traço ou marca deixada no mundo ou em alguns elementos deste, como “traços, resíduos ou fósseis, bem como de memória genética, citoplasmática ou imunológica”. E, há ainda as memórias artificiais criadas pelo ser humano.

A diversidade de discursos e de possibilidades para a sua interpretação, se por um lado pode estabelecer dificuldades metodológicas, por outro revela que a memória também pode ser constituída em um objeto de disputa, e que vai possibilitar perceber que a variabilidade das percepções tem origem em sua ligação a interesses diferentes. E tais diferenças vão nos remeter ao conceito de representação, possibilidade de pensar os fenômenos sociais evocando imagens às quais são atribuídos sentidos e que tornam presente aquilo que está ausente (PESAVENTO, 1995).

Deste modo, o ambiente urbano típico (que são as cidades) reunindo imagens reais (cenários e paisagens) e metafóricas (que são suas interpretações nos discursos), constitui espaços apropriados para a construção de significados que se manifestam e são percebidos no ambiente urbano, e de acordo com a visão de Moser (2005, p. 282), temos que:

Nas ciências sociais, o ambiente é geralmente considerado como uma construção daquele que o percebe. De modo evidente, a dimensão cultural está presente na relação com o ambiente. O enquadramento ambiental não é um espaço neutro e isento de valores, ele é culturalmente marcado.

Mais adiante, ainda conforme o mencionado autor, ele apresenta que:

O ambiente, enquanto tal, veicula significações; nossa visão da natureza humana se exprime na maneira como nós moldamos o espaço construído; e este espaço construído retorna a nós, resignificando quem nós somos e o que devemos fazer (IBIDEM, 2005, p. 282).

Deste modo, temos que é então reconhecido o efeito do ambiente nas ações dos indivíduos, pela sua possibilidade de propiciar sentido, identidade, situação social, econômica e cultural.

Todos os seres humanos possuem memórias recentes ou antigas acerca de um espaço ou lugar. A memória então se apresenta como uma construção feita pelo sujeito a partir de informações guardadas em seu imaginário, que o auxilia nas recordações de vida, como refúgios emocionais, e como testemunhos vivos (ou não) de tudo aquilo que foi vivido ou que ainda está sendo vivenciado. Enfim, como algo que possui alguma representação para o indivíduo atrelado a discussão sobre a possibilidade de compreensão da memória.

Abbagnano (2003) aponta a seguinte variante:

A representação é um vocábulo de origem medieval, que indica a imagem ou ideia. Imagem significa semelhança ou sinal das coisas que pode conservar-se independentemente da coisa; ideia significa um objeto qualquer do pensamento humano, isto é, como representação em geral.

E para Ockhan citado por Abbagnano (2003), existem três significados para o termo. No primeiro, aquilo por meio do qual se conhece algo, a representação é a ideia mais geral. Nesse sentido, o conhecimento é representativo, e representar significa ser aquilo que se conhece ou ter ideia daquilo que se conhece.

No segundo significado, entende-se conhecer alguma coisa, e após o conhecimento, conhecer outra coisa. Nesse sentido, a imagem representa aquilo de que é imagem no ato de lembrar.

No terceiro significado, entende-se por representação o modo como o objeto causa o conhecimento. Assim, no primeiro caso, a representação é a ideia no sentido mais geral. No segundo, é a imagem. E no terceiro, é o próprio objeto.

Já etimologicamente, o termo representação é derivado do vocábulo latino *re-presentationis* – que significa a ação de pôr sob os olhos – e daí aparecem as variantes imagens e retrato.

De acordo com Ginzburg (2001) no ensaio “Representação: *a palavra, a idéia, a coisa*”, ele se reporta à representação como:

Por um lado, a ‘representação faz às vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas, a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar’(GINZBURG, 2001, p.85).

E conforme o que expõe Pesavento (1995), ela informa acerca da memória de imagens que:

Essa memória é constituída pelas representações visuais e mentais do mundo, que todos carregamos, e é transmitida como que em herança, social e individual. A imagem é um órgão da memória social.

É a partir desse ponto de vista que todo sujeito, enquanto sujeito individual e coletivo possui inúmeros olhares para um mesmo ângulo, para um mesmo lugar, com diferentes nuances de memória e representação.

O indivíduo por meio de suas relações com o meio e com a cidade exprime em todos os seus equipamentos e lugares os seus anseios e necessidades, e os de todos os membros de sua espécie também.

E a praça que funciona como um equipamento das cidades onde podemos analisar os usos da memória e de sua representação no imaginário individual e coletivo, sempre foi um local muito privilegiado por todos.

Assim, a praça torna-se um local de passeio, de diversão, de lazer, e pode ser também um local de trabalho, de onde diversos ambulantes, donos de bancas, quiosques e barracas de produtos alimentícios retiram seu sustento.

Como qualquer outro equipamento urbanístico, a praça é um lugar pensado, planejado e construído para servir de local de lazer, espaço de encontro e de diversas manifestações socioculturais dos moradores das cidades.

A história da Praça da Saudade e suas alterações urbanísticas em diferentes períodos

Essa Praça possui aproximadamente 12,6 mil metros quadrados. Limita-se com as ruas Epaminondas, Ramos Ferreira, Ferreira Pena e Simão Bolívar, localizando-se em plena área central da capital amazonense. Ela foi batizada pela população manauara de ‘Saudade’ e assim é conhecida até hoje, embora seu nome oficial seja o de *Praça 5 de Setembro*.

A Praça da Saudade foi inaugurada em 1865 e inicialmente era conhecida como Largo da Saudade. Seus limites eram desde o antigo cemitério velho chamado de São José (nome também do primeiro bairro de Manaus) – localizado onde atualmente é a sede do Atlético Rio Negro Clube até o Instituto de Educação do Amazonas (local onde seria construído o Palácio do Governo).

Um dado curioso da praça registra que na época do governo provincial do Presidente Francisco José Furtado em 1858, o cemitério foi cercado e a praça não passava de um largo com pouca arborização.

Então, em 1865 foi proposta pela Câmara Municipal, a construção da praça e a proposta de se oficializar o nome de Praça da Saudade.

FIGURA 1 - IMAGEM AÉREA DO LARGO DE SÃO SEBASTIÃO ATÉ A PRAÇA DA SAUDADE NO FIM DA DÉCADA DE 1890



FONTE: <http://blogs.d24am.com>

De acordo com registros documentais, ela passou à denominação de praça em 1897, mas só passou a adquirir forma em 1932, na gestão de Emmanuel Morais com a construção de jardins e passeios. O cemitério nesta época já havia sido fechado. Após a demolição, os restos mortais que haviam no local foram transferidos para o

Cemitério São João Batista. O nome de Largo ou **Praça da Saudade** foi batizado pelo povo por estar localizada bem em frente ao cemitério de São José, que também emprestava nome ao bairro.

FIGURA 2 - PRAÇA DA SAUDADE NOS ANOS 1900



FONTE: <http://blogs.d24am.com>

Em 1938 teve seu traçado original modificado e seus canteiros foram renovados com a colocação de uma vegetação diferente, mas as estátuas de bronze que representam os homens primitivo e moderno só foram colocadas em 1963, época em que foram retiradas as pérgolas laterais.

O nome oficial de Praça *5 de Setembro* é em homenagem a data da elevação do Amazonas à categoria de Província e uma homenagem a Tenreiro Aranha que tanto lutou pela emancipação do Grão-Pará, e que figura na história deste Estado como o primeiro governador (mandato de 1852-1853). Porém, esse nome oficial nunca se tornou popular. O certo é que mesmo o nome oficial estando inscrito na placa da estátua de Tenreiro Aranha, o manauara a conhece, principalmente, por *Praça da Saudade*.

FIGURA 3 - VISTA AÉREA DA PRAÇA DA SAUDADE NO COMEÇO DOS ANOS 1980



FONTE: <http://blogs.d24am.com>

Em relação ao resgate da Praça da Saudade, tudo começou no ano de 2006. Naquele ano, já havia uma intenção para que o prédio que havia sido construído na praça em frente ao Rio Negro Clube fosse demolido. Este assunto acabou virando processo administrativo no Ministério Público, que envolveu a Prefeitura de Manaus e o Governo do Estado, chegando-se a conclusão de que não bastava a demolição do prédio, havia a necessidade de realizar o resgate histórico da praça.

A nova Praça da Saudade foi então restaurada, revitalizada e revigorada retratando o desenho que ela possuía na época de sua concepção, em 1932. Retornaram também as pérgolas (ou caramanchões) de madeira fazendo sombra aos bancos.

O projeto de revitalização inclui pistas externas (pedras tipo carranca) e internas (pedras tipo Miracema), a iluminação com postes estilo republicano e pergolado em madeira de lei. Além de bancos em estilo francês, lixeiras tipo joy (ferro fundido), bancas de revistas, cabines telefônicas e espaços gastronômicos.

Outro símbolo marcante do lugar é o monumento a Tenreiro Aranha, que foi totalmente restaurado, inclusive com granito da base da estátua semelhante ao utilizado na época em que a praça foi construída. E diversas linhas de todos os cantos da Praça levam diretamente ao monumento central de Tenreiro Aranha.

As ruas do entorno da praça receberam melhorias no pavimento e a sinalização horizontal foi refeita. A fachada emblemática do Atlético Rio Negro Clube que compõe aquela área histórica ganhou nova pintura, por meio de uma parceria entre uma empresa de tintas e a Prefeitura de Manaus.

O paisagismo é outro detalhe importante dessa obra que recebeu atenção especial, com o plantio de mudas de mini-ixórias, alamandas, durantas, palmeiras, açaizeiros, bougainvilles, oitizeiros e pau-pretinho.

A jardinagem remonta aos jardins europeus que enfeitavam nossa cidade no período áureo da borracha. A aplicação de todos esses detalhes faz parte do empenho da Prefeitura em resgatar um patrimônio histórico e cultural que tem 154 anos, e que agora, renovado, volta a receber a população como mais uma alternativa de lazer.

Na data de 30 de abril de 2010, a Praça da Saudade foi reinaugurada. O local passou por uma ampla, demorada e nova reforma. Espaços históricos foram recuperados, constituindo atualmente uma das mais belas praças da cidade de Manaus, no Amazonas.

FIGURA 4 - PRAÇA DA SAUDADE REINAUGURADA EM 2010



FONTE: <http://semulsp.manaus.am.gov.br>

O lugar na memória: entre o passado e o presente

Segundo a dialética do espaço democrático, o espaço urbano põe-se como recurso favorável ou desfavorável. Como determinação do lugar físico e político organiza a densidade da cidade. Daí a importância da quadra, do bairro, dos pontos, mas também das ruas, das avenidas, dos viadutos, das praças. É onde a população se expressa como espaço produzido e espaço em produção.²

O ser humano, enquanto ser social expressa sua sociabilidade estabelecendo relações com o outro, com o meio, com as cidades e com os lugares por onde passa, por serem esses os palcos das relações que vão sendo construídas e que vão se estabelecendo.

Todos temos memórias recentes ou antigas acerca de um lugar. Isso se dá como se fora um exercício de lembrar de fatos pretéritos juntamente com uma relação subjetiva entre o que vivemos e o que guardamos conosco.

A memória aparece como uma construção feita pelo sujeito a partir de coleções de fatos, acontecimentos e experiências vivenciadas que auxiliam nas recordações de vida.

Alguns lugares aparecem como que refúgios emocionais ou testemunhos vivos (ou não) de tudo aquilo que foi vivenciado por anos a fio. O tempo fotográfico ou visual surge como instantes irregulares e arbitrários ligados e separados pelo esquecimento.

Por terem apego à história do seu tempo, algumas pessoas têm muitas recordações do passado, e especificamente de alguns lugares em especial, que marcaram de alguma forma e muito fortemente a vida dessas pessoas.

A praça surge então, como o local ideal para a celebração da memória, bem como sua representação para o indivíduo, principalmente se levarmos em consideração o valor da mesma para os cidadãos de uma cidade.

A contradição se põe como um espaço urbano que é concebido, ora como estrutura, ora como forma. A questão que se abre é se a estrutura é a manifestação da forma ou o contrário. Por exemplo: a praça é uma estrutura ou uma forma? (não é um jogo de palavras). A ideologia liberal tenderá a defini-la como estrutura ou como forma? E a ideologia socialista? No movimento, a forma se põe como fenomenologia e a estrutura como ontologia.³

Conforme alguns estudiosos sobre o assunto em questão, a memória se apresenta como o resultado do entrelaçamento das experiências de um tempo já vivido e vivenciado pelo indivíduo. Ela passa a ser encarada como uma espécie de guardiã da integridade dessas experiências obtidas pelo indivíduo, enquanto sujeito que experimenta durante toda a sua existência, um incontável número de acontecimentos.

É a partir do registro de um processo de identificação do indivíduo com o lugar onde está inserido e suas representações e memória acerca desse lugar, de suas relações com esse lugar, em relação ao tempo presente e ao tempo passado é que identificações passam a se firmar.

As trocas simbólicas entre os indivíduos se dão no tempo e no espaço, e acerca de um dado lugar e, essas trocas são resultantes de um processo identificado como comunicação e representação. Trata-se de reconhecer que novas espacialidades são (re) significadas, culturalmente, atravessadas pelo tempo por meio do imaginário do sujeito individual e coletivo.

^{2e3} SILVA, Armando Corrêa da. De quem é o pedaço? Espaço e cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

A memória aqui tem a ver então, com o registro imediato ou a narrativa testemunhal de uma experiência vivenciada baseada em acontecimentos pretéritos, onde percebemos a nuance que nos enlaça: cidade e cidadão têm a mesma raiz semântica. E esse sentimento de recordação sobre um dado lugar é essencial para a legitimação da memória como constituinte da representação simbólica desse dado lugar.

O lugar apresentado na presente pesquisa - a Praça da Saudade - não foi selecionado de forma aleatória. Esse lugar foi escolhido, porque se constitui como um centro de referência em Manaus e porque é um lugar de convergência de sentidos. É também um lugar que permite uma coordenação de atividades urbanas e que cria condições para a comunicação entre os atores sociais. E ainda é qualificado e carregado simbolicamente de vestígios que representam, em sua maioria, um passado feliz para a maioria dos indivíduos residentes da cidade de Manaus, e que tiveram experiências junto a esse local.

Nessa praça, situada na área central da cidade, foram realizadas algumas entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas e fechadas acerca do lugar, com alguns sujeitos que por lá passavam ou que lá estavam. Esse trabalho etnográfico aconteceu no início do ano de 2011, quando visitamos mais proximamente o referido lugar, e quando pudemos constatar seu valor histórico e cultural, mas, principalmente, afetivo para os habitantes da cidade.

Ao apresentar algumas falas dos sujeitos de nossa pesquisa registramos os dados de uma mulher sobre seu tempo de infância vivenciado nesse lugar:

Vim muito aqui com meus pais e meus irmãos. Brincava bastante. Corria de um lado para o outro. Tomava sorvete, comia pipoca. E a gente ainda brincava naqueles brinquedinhos que tinham por aqui. Era uma verdadeira farrá. Eu e meus irmãos não tínhamos vontade de ir embora. Não lembro de ouvir falar sobre violência ou assalto aqui não. Acho que ainda não tinha naquela época, porque eu não presenciei nenhum. Ainda bem, né? (M.L.C.D.S., entrevista / 2011).

As significações de imagens do passado fazem com que o sujeito refaça por diversas vezes o trajeto experimentado entre o presente e o passado. E esse passado só existe porque nós temos o presente que nos faz rememorar esse passado. Uma outra mulher entrevistada revelou o seguinte:

Eu gostava muito de brincar de ‘manja’ com os meus irmãos. Mas, a gente também brincava de bola. Mas a minha mãe não gostava não. Porque a bola corria pra longe e ela ficava preocupada. O que a gente fazia sempre era comer pipoca, quentinha, cheirosa, boa, muito boa (H.D.S.G., entrevista / 2011).

Essa mulher, cujas lembranças são repassadas aqui de forma sucinta deixou transparecer diferentes momentos de sua vida marcados no tempo. Apesar de não ter morado nas ruas próximas a essa praça, a nossa entrevistada buscou suas recordações e lembranças sobre o tempo passado na Praça da Saudade no tempo de sua infância como algo realmente marcante em sua trajetória de vida.

Para Lefebvre (2001) o direito à cidade não se refere apenas à natureza, mas à vida urbana renovada e transformada. O espaço urbano dentro da perspectiva do direito à cidade é muito mais amplo do que somente morar na cidade. O direito à cidade tem que estar relacionado com todos os outros direitos inerentes às necessidades do ser humano.

Um entrevistado ao ser questionado sobre o que presenciou e o que vivenciou na Praça desenhou o seguinte quadro: “eu passei bons momentos nessa praça. Eu sempre vinha namorar aqui depois da Escola, e era bom. Depois que eu casei, eu demorei pra voltar aqui, nem sei por que” (J.L.S.V., entrevista / 2011).

Esse nosso informante morava bem próximo da praça (no mesmo bairro) só com algumas ruas de distância. Para ele, o passado experimentado nessa lugar estabelece as lembranças e a memória do que é bom e do que é ruim.

A praça aqui serve de cenário para um encontro entre o passado já ido e o presente ainda em desenvolvimento. Esse encontro se dá com os acontecimentos da infância e da juventude que marcaram as experiências individuais e em grupo.

Para outro informante a mudança de endereço representou uma transformação significativa em sua vida, marcada pelas diferenças e pelas ausências entre o novo e o velho endereço, que ele aponta entre os dois lugares:

Brincando e passeando naquela praça eu sentia a vida ‘livre’ e despreocupada, como as brincadeiras que eu fazia com os meus irmãos nesse lugar que parecia que era nosso. E tinham coisas boas para comer a qualquer hora, pelo menos eu gostava. Quando a gente se mudou daqui de perto, eu senti muita diferença. Pra onde a gente se mudou era um lugar pequeno e não tinha praça lá não. Mas era o jeito (F.R.G.M., entrevista / 2012).

Para Harvey (2004, p. 209), “a cidade é também lugar de ansiedade e de anomia. É o lugar do estranho anônimo, [...] espaço de uma incompreensível alteridade”. Na infância e no início da juventude de nosso informante, o tempo experimentado nesse lugar público representou uma fase muito boa, visto que quando ele estava com cerca de 13 para 14 anos e por motivos financeiros, ele e sua família tiveram que se mudar do bairro. Essa mudança e o afastamento daquele universo mágico para ele e seus irmãos refletiu-se de forma muito amarga em sua memória.

Considerações finais

O espaço é verdadeiramente uma das presenças mais marcantes na organização e na produção sobre o pensamento do indivíduo em sociedade. O espaço e o tempo estruturam as narrativas e as representações humanas.

O lugar na memória significa um confronto entre o presente e o passado. Algo já vivido e vivenciado, e um outro tempo que ainda está em andamento. Ele é apresentado e adotado por necessidades e vivências sociais que ao evocar o passado se transformam em memória. E essa memória não diz respeito apenas ao passado. Diz respeito também a uma interpretação que ainda é e está no presente.

Desta forma, as imagens que cada sujeito tem de um dado lugar revelam algo que apenas a memória pode demonstrar. E na incessante busca da permanência ou ainda dos marcos que são capazes de construir nexos entre passado e presente é que repousa a essência da representação simbólica de um dado lugar para um indivíduo.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: M. Fontes, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAPOUTHIER, Georges. *Registros evolutivos*. Viver Mente & Cérebro, p. 8-13, 2005. Especial memória.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MOSER, Gabriel. *A psicologia ambiental: competência e contornos de uma disciplina*. Comentários a partir das contribuições. Psicologia USP, São Paulo, Vol. 16, nº 1/2, 2005.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, Vol. 10, p. 7-28, dez., 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, Vol. 8, nº 16, p. 279-290, 1995.

SILVA, Armando Corrêa da. *De quem é o pedaço? Espaço e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.

Fonte:< <http://www.bauvelho.com.br>> Acesso em 26 de maio de 2010.

Fonte:<<http://jmartinsrocha.blogspot.com.br>> Acesso em 01 de dezembro de 2012.